

Conclusão

Françoise Dastur em “*Heidegger et Trakl: le site occidental et le voyage poétique*” afirma que o estranho no dizer da poesia de Trakl é literalmente aquele que viaja, mas de forma alguma é este viajante um errante sem rumo, pelo contrário, este viajante busca a terra.¹ Heidegger afirma inúmeras vezes que o poeta só é verdadeiramente um poeta quando é capaz de se demorar na linguagem. E isso só acontece porque o poeta sabe que a linguagem não é um instrumento de comunicação que ele possui. Heidegger chama este homem na sua obra tardia de mortal, pois mortais são aqueles que podem fazer a experiência da morte como morte. Para o filósofo, fazer uma experiência com algo significa que este algo vem ao nosso encontro, chega até nós e nos transforma. Ser mortal é, portanto, segundo Dastur, uma capacidade, a saber, a de não se constituir como sujeito da representação. Mortais são, pois, aqueles que correspondem ao apelo do ser. Isto implica em dizer que a linguagem é muito mais um dom, isto é, um presente que se recebe do que simplesmente um instrumento, ou seja, um meio de expressão. O homem mortal é certamente aquele que se põe à escuta.

Por outro lado, como foi visto no primeiro capítulo, sabemos que para Heidegger a metafísica é a história do esquecimento do ser. Porém, o esquecimento do ser em favor do ente realiza-se de maneira completa no mundo da técnica, onde já não há mais nenhum fim a ser alcançado a não ser a manutenção do funcionamento de um sistema instrumental imposto pela vontade do sujeito. O mundo da técnica é desse modo, no seu sentido mais amplo, a instrumentalização total, onde mesmo o pensamento torna-se instrumento, servindo à dinâmica cada vez mais racional da organização total.

E é diante deste esgotamento e desta completa uniformização que o diálogo com a poesia torna-se, para Heidegger, a principal tarefa do pensar, visto que o homem tornou-se, no mundo da técnica, incapaz de compreender a si

¹ Ela se refere aqui ao verso de Trakl citado por Heidegger no ensaio “A linguagem na poesia” que diz: “Algo de estranho, a alma na terra”

mesmo senão como animal racional. Segundo o filósofo, para que o homem possa se tornar mortal é necessário que ele aprenda novamente a habitar na linguagem: “A conversa do pensamento com a poesia busca evocar a *essência* da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem”² No entanto, a temporalidade originária não é linear nem é o tempo uma medida do movimento como queria Aristóteles. Trakl nomeia esse tempo de espiritual, mas isso segundo Heidegger nada tem a ver com o uso atual que remete espírito aos espíritas e espirituais. Mas então o que é espírito? Trakl em seu último poema fala da flama, ou seja, de um ardor. O poeta não entende o espírito primeiramente como sopro ou *pneuma*, mas sim como flama, “que nos caça, que extasia e deixa fora de si, é a chama do entusiasmo.”³ De acordo com Heidegger o espírito vigora na possibilidade da suavidade e da destrutividade. No entanto, o espírito dá ânimo e é esse ardor que sustenta numa travessia o peso melancólico da alma.

O homem é o ente que de algum modo se relaciona com o ser, por isso Heidegger insiste na pergunta pelo ser mesmo quando Nietzsche afirma que o ser não passa de um vapor, de uma simples fumaça. É então que a pergunta se torna mais necessária. Mas será ainda possível diante de tal perigo que acomete a essência do homem na sua relação com o ser que ele possa compreender a si mesmo como mortal? Será que é ainda possível a pergunta pelo ser?

Depois dos textos dos anos trinta tornou-se claro para o filósofo que tal pergunta só poderia se desenvolver no âmbito da linguagem. No texto *Que é isto - a filosofia?* Heidegger afirma que, sem uma suficiente reflexão sobre a linguagem, o homem jamais saberá o que é a filosofia como uma privilegiada maneira de dizer. No entanto, pelo fato de a poesia em comparação com o pensamento estar de um modo diverso e privilegiado a serviço da linguagem, torna-se necessário, para que a filosofia possa novamente experimentar de que modo ela é, discutir a relação entre pensar e poetar, pois entre ambos impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, por ela devem se sacrificar.

Desse modo, a poesia e, mais especificamente, pelo menos num primeiro momento, a poesia de Hölderlin, o poeta da poesia, surge como uma abertura para o pensamento do ser. Exatamente porque o discurso poético parece ser o único capaz de dar conta do que não é meramente representacional. A poesia não é algo

² HEIDEGGER, M., A linguagem na poesia, *A caminho da linguagem*, p.28.

³ *Ibid.*, p. 49.

que se insere na realidade e reclama por um resultado. No entanto, para o filósofo é na poesia que os homens se reúnem sobre a base de sua existência. E, com ela, chegam ao repouso onde estão em atividade todas as relações.

O poeta, ao dizer a palavra essencial, nomeia pela primeira vez o ente. E esta livre doação Heidegger chama de instauração. A palavra dá ser e isto quer dizer que a linguagem não é expressão nem apresentação, mas doação de ser. Quando isto acontece, ou seja, quando pela primeira vez a essência das coisas chega à palavra, a existência do homem atinge finalmente uma relação firme e se estabelece uma razão de ser:

Se compreendermos essa essência da poesia como instauração do ser com a palavra, então poderemos pressentir algo da verdade das palavras pronunciadas por Hölderlin, quando há muito tempo a noite da loucura o arrebatou sob sua proteção.⁴

No ensaio acerca da linguagem na poesia, Heidegger diz que um tal canto não pode nascer senão da noite, da escuridão por onde atravessa o estranho, pois esta noite que nomeia tantos poemas de Trakl é a noite entusiasmada, uma noite que não é de modo algum destruição do espírito, mas sim onde brilha a claridade de sua ausência. Como foi visto no segundo capítulo, Heidegger, ao interpretar os hinos de Hölderlin em 1935, já havia sublinhado que a modernidade deve ser compreendida como uma noite sagrada ou, segundo o poeta, como o tempo dos deuses sumidos. Nesta noite rege a dor e o ardor que inflama, mas que, por outro lado, chama para a caça de um deus a suavidade do espírito, como canta Trakl nos versos do poema “A noite” citado por Heidegger: “Tormento infinito/Que venhas caçar um deus/Espírito suave/ Suspirando em queda d’água/ Na ondulação de pinhos silvestres.”⁵ No entanto, mesmo a dor e a tormenta ainda não desfazem o fato do homem ter muitos méritos. Isto pode facilmente ser constatado nos dias de hoje. Há muitos méritos e algum demérito e, apesar de todo esse mérito, tanto o poeta quanto o pensador afirmam que é poeticamente que o homem habita a terra, que o homem pertence à terra. Assim diz Hölderlin nos versos do poema “No azul sereno floresce...”: “Cheio de méritos,/ mas é poeticamente que o homem habita esta terra./”⁶ A poesia é instauração do ser com a palavra. O poeta nomeia e

⁴ HEIDEGGER, M., Hölderlin y la esencia de la poesía, *Arte Y Poesía*, p. 138.

⁵ Id., A linguagem na poesia, *A caminho da linguagem*, p.61.

⁶ Id., op. cit., p. 139.

nomeando instaura os deuses e a essência das coisas. Habitar poeticamente, para Heidegger, significa estar na presença dos deuses e ser tocada pela essência das coisas.

Porém, antes de se tornar um dizer a poesia é na maior parte do seu tempo uma escuta, visto ser a escuta do silêncio e o seu apelo o que permite ao homem tornar-se mortal, impedindo, dessa maneira, toda a petrificação da sua existência. E é por assim dizer que Hölderlin afirma que as palavras são como flores, “palavras cuja eclosão sonora faz surgir, por mais que ela não quebre o imenso silêncio da qual nasceu.”⁷

⁷ DASTUR, F., *A morte: ensaio sobre a finitude*, p.119.